



Mídia e ascensão conservadora

The media and the rise of conservatism

Carla Luciana Souza da SILVA¹

1 A direita não assumida

Não é de hoje que existem estudos sobre a direita brasileira. São trabalhos essenciais para que se compreendam os mecanismos da dominação e perpetuação nas distintas formas de poder, seja no estado restrito, seja nas suas formas ampliadas. Desde o clássico livro de René Dreifuss, *1964: a conquista do Estado*, os estudos sobre a direita estão presentes na historiografia brasileira (DREIFUSS, 1981). Portanto, em nenhuma medida os cientistas sociais de hoje se sentem diante de *um raio em céu azul* na emergência de forças conservadoras na sociedade brasileira.

Por outro lado, no Brasil não havia, até muito recentemente, uma identificação pública com a direita por parte da população em geral. Ser de direita está associado a uma condição de classe, e, portanto, os donos do capital nem sempre fazem questão de mostrar sua opulência. Não era algo que se desejava alardear, e sim conservar. Muitos podem ter se sentido constrangidos com os longos anos de Ditadura no Brasil, tornando difícil a sustentação da defesa pública de políticas de direita, embora no âmbito privado essa defesa nunca tenha desaparecido. Mas, os mesmo que se calaram publicamente sobre as mazelas da ditadura brasileira, não se cansaram, a partir dos anos 1990, de atacar o comunismo ou o socialismo como sendo ditaduras. Portanto, não é que não houvesse um centro de pensamento de direita, pelo contrário, ele nunca deixou de existir e se complexificou, se capilarizou ao longo dos últimos anos.

Percebemos ao longo dos anos 1990, na grande mídia, uma construção geral da ideia da vitória do capitalismo, ao mesmo passo em que cresceram centros difusores de ideologias liberais. Ao invés de arrefecerem do ponto de vista da produção de ideias, já que estavam vitoriosos, nos parece que esses intelectuais tinham clareza de que a hegemonia não é fixa, ela precisa ser alimentada cotidianamente. Ademais, um conjunto de ideias só se torna hegemônico quando ele consegue sair da esfera da classe que o produz e passa a ser a linha de ação da classe que vai ser dominada por essas ideias, constituindo uma “[...] racionalidade que se faz história” (DIAS, 1996, p. 9).

Diferente de outros países em que a identificação com a direita se expressa de forma pública, no Brasil, até recentemente, isso era mais raro acontecer. É preciso pensar com cuidado se

¹ Doutora em História. Docente da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, Brasil), Campus de Marechal Cândido Rondon, PR, CEP: 85960-000. A pesquisa tem apoio da Fundação Araucária. E-mail: <carlalusi@gmail.com>.

neste momento a direita resolveu *sair do armário* porque tinha medo de *bullying político*, (como aponta FUCS, 2017), ou se simplesmente encontrou espaço para tornar pública uma organização que já existia e que, finalmente, conseguiu espaços para tornar-se também um movimento de massas, pelo menos por um curto pedaço de tempo. Qual a medida que esse intento vai prosseguir, é uma questão ainda em aberto.

O certo é que agentes de direita são onipresentes, mas nem sempre se assumem enquanto tal. Olavo de Carvalho, considerado um intelectual desse público, que encontra identidade de classe sem ter a condição de classe, é considerado o “parteiro da direita”, e mesmo ele se nega enquanto alguém de direita. A matéria da BBC é enfática: “Olavo de Carvalho, o ‘parteiro’ da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias”. Assim começa a matéria:

Sobre a cama onde dorme, afixou uma espingarda Remington calibre 12. No cômodo vizinho, ao lado de uma caixa com brinquedos, espalhou mais de 30 rifles de caça. Em frente à mesa onde trabalha, pendurou pistolas e revólveres. É dali que Carvalho faz as transmissões diárias de seu curso de filosofia, escreve para cerca de 500 mil seguidores nas redes sociais e trava os embates que o tornaram uma das figuras mais conhecidas e controversas da corrente que vem sendo chamada de nova direita brasileira - grupo ao qual, paradoxalmente, diz não pertencer. ‘Eu quis que uma direita existisse, o que não quer dizer que eu pertença a ela. Fui o parteiro dela, mas o parteiro não nasce com o bebê’, afirma. ‘Estou contra o comunismo e quero que o Brasil tenha uma democracia representativa efetiva’, diz (FELLETT, 2016, não paginado).

Há na fala de Carvalho uma tentativa de se distanciar, se colocar como um intelectual tradicional, um iluminado que indica o caminho, como se sua fala não tivesse responsabilidades e não fosse ele orgânico de um projeto. Além disso, ele se desloca da condição de classe, não quer ser identificado com aqueles que possam exacerbar sua fala. Seu centro deve ser apenas o anticomunismo. Entretanto, o autor da matéria chama atenção para a presença de armas em seu cenário de ação. Ou seja, pode ser só um discurso, mas está resguardado pela força das armas de forma muito sugestiva. Abre espaço para a violência e a justiça com as próprias mãos, que passa a ser disseminada nas redes sociais da Internet.

É diferente a postura do político Jair Bolsonaro, que já em 2014 anunciava ao jornal *O Estado de São Paulo* que “[...] serei o candidato da direita em 2018” (BOLSONARO apud MORAES, 2014, não paginado), e desde lá vem construindo sua figura pública demonstrando o que é ser direita: defender a homofobia; espalhar a ojeriza aos direitos humanos; reproduzir discursos vazios política e economicamente. A violência em todas as suas formas é legitimada no seu discurso fascista.

Nossa hipótese é que a direita não se mostra não por pruridos ideológicos, mas porque sabe que o que defendem é insustentável, não é um projeto que contemple a massa da população. É excludente e sustentado na exploração. Portanto, há limites claros nessa tentativa de massificação de um movimento que não tem como ser de massas. Mas em alguns momentos precisa tornar-se massa, fundir-se com ela, mesmo que para isso tenha que apoiar ideias e práticas fascistas.

2 A vitória liberal e as clivagens

O processo de hegemonia liberal vem sendo construído ao longo de décadas, e vai mudando de acordo com o movimento da história. Ao longo dos anos 1990 a imprensa se esforçou para construir o liberalismo como única alternativa possível, mas o fez tendo um público específico, isto é, as camadas médias, os pequenos e médios empresários, os profissionais ditos liberais. Nos anos 2000 parece que esses ensinamentos transpassam a base de apoio e encontram uma nova classe média inebriada por novos padrões de consumo, disposta a avançar nas práticas liberais, mas sobretudo, as anticomunistas. Desde sempre é preciso lembrar que o anticomunismo é um amplo espectro, que não se restringe à ação concreta dos partidos comunistas, mas se refere à atuação da classe trabalhadora na luta de classes. Ademais, tal visão de mundo, nos tempos atuais, não admite que haja também novos padrões de consumo, e políticas sociais, para as classes trabalhadoras. Por distintos lados isso vai alimentar o discurso do ódio.

Algo mudou nos últimos anos, e é preciso entender isso mais a fundo. Em tese, o avanço da esquerda, que seria configurado pela chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) ao poder na Presidência da República seria o motor da raiva da direita, por motivos que variam do ódio de classes à exclusão de divisões de cargos e outros benefícios advindos do poder da máquina do Estado. Não importa que o PT tenha feito aliança com partidos de direita e compactuado com eles uma posição de direita nos governos. Também não importa que os governos tenham sido sustentados em acordos entre os distintos partidos, configurando o que é conhecido como loteamentos partidários. O alvo é sempre apenas o PT, que nesse momento simboliza um anticomunismo secular na história brasileira.

O que chama mais atenção é que essa posição passa a ser assumida também por trabalhadores, não apenas por empresários e pessoas que vivem da exploração do trabalho alheio. Alguns autores já se dedicaram à clivagem de classes como um problema nodal na luta de classes: a clivagem entre a situação econômica e a materialidade da ideologia. Segundo Wilhelm Reich, que avaliava a questão na Alemanha dos anos 1930, trata-se de avaliar devidamente “[...] a importância dos pequenos hábitos do dia-a-dia, aparentemente irrelevantes [...]”, que amarram a classe trabalhadora à “[...] tacanhice da vida conservadora [...]”: a opressão da mulher, a “[...] roupa melhor [...]” para os domingos e “[...] mil outras banalidades” (REICH, 1998, p. 65). São elementos que levam à amarração a um modo de vida. Se isso se expandiria com a ampliação do consumo no após II Guerra Mundial, o consumo não é uma questão em si, e sim um meio para a aceitação de valores ideológicos materializáveis.

As camadas médias como alvo central de campanhas conservadoras acompanharam o desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Sempre foram o alvo receptor e também produtor das campanhas anticomunistas. Nesse campo sempre atuou a Igreja Católica, através de encíclicas e outros documentos que indicavam um tratamento específico comportamental profundamente anticomunista (SILVA, 2001). Uma exacerbação dessas posições podemos encontrar em Plínio Salgado, fundador do integralismo brasileiro e que teve uma vasta produção no pós-guerra no sentido de formular uma visão ideológica que conformasse o comportamento burguês: contra a “burguesia gozadora”, (CALIL, 2001, p. 307) contra o esbanjamento público da riqueza, porque ele poderia acirrar os ânimos de classe). No

contexto atual, nas reconfigurações do capitalismo a partir dos anos 1990, ao leque de intelectuais que atuam nesse campo se somam novas igrejas, empurradas pela ideologia da prosperidade e que recolocam a riqueza como meta. Justificam no plano transcendente a exploração e tudo o que a envolve.

Nesse sentido veremos a expansão de literaturas de autoajuda que tem servido para a ampliação do campo de ação das ideias que reproduzem o capitalismo, uma espécie de religião sem sacralidade, leitura possível através de Walter Benjamin (2013). O certo é que a burguesia sempre contou com um vasto leque de intelectuais para formular uma forma pública de posicionamento no mundo diante das necessidades criadas no sistema capitalista.

3 As entidades da direita

Entidades organizadoras da dominação burguesa não nasceram com a “onda conservadora” atual. Elas existem e estão ligados à grande mídia de forma intrínseca desde há muito tempo. Se a Ditadura instaurada em 1964 foi tramada pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais - IPES, outros órgãos organizadores da dominação foram rearticulados na democratização. Além da tática de ampliação em esferas estatais utilizadas pelas frações de classe ao longo de toda a história recente, (como mostra, por exemplo, o trabalho de Sonia Mendonça (2010) sobre a burguesia agrária), outras entidades fora do âmbito estatal organizam a dominação, ocupando espaços sempre que isso se torna possível. E muitas vezes se multiplicando em várias entidades e associações, ocupando diferentes lugares para defender as mesmas posições, abrindo portas do Estado ampliado.

Podemos destacar um órgão relativamente conhecido do público, o Instituto Millenium (Imil), criador e divulgador do pensamento conservador por excelência. Nesta matéria, o instituto reproduz o texto *O valor do pensamento conservador*, de Helio Gurovitz, originalmente publicado na revista *Época*: “[...] valorizar as instituições consagradas, o respeito à tradição e ao tempo necessário para qualquer mudança” (GUROVITZ, 2016, não paginado). Os autores dizem que não querem ser identificados com a direita, mas não vêem problemas em serem *conservadores*. No início de 2013 o site Anonymous indicava a sintonia entre as diferentes agências de mídia e sua organização em torno do Imil:

Eurípedes [Alcantara] (Veja), [Eugenio] Bucci (Estadão), [Renato] Sardenberg (TV Globo), Merval [Pereira] (O Globo), [Marco] Villa (Globonews e outros) e [Guilherme] Fiuza (Época) são alguns dos nomes conhecidos na imprensa que fazem parte do Instituto Millenium, centro de pensamento liberal que diz defender a liberdade e o estado de direito no país. Se dizem liberais, mas nenhum faz ressalvas à oligopolização da mídia. Dez entre dez artigos do instituto veem guerra ideológica em cada esquina brasileira. Nos últimos meses, eles estão ainda mais raivosos. O que esperar para 2013? (ANONBRNEWS, 2013, não paginado).

Essa ampla organização esteve vinculada ao rechaço ao avanço de governos comandados pelo PT no Governo em 2002. Um ódio de classes latente foi instrumentalizado e alimentado por esses amantes do *conservadorismo*, o que se soma à incapacidade de eleger-se um candidato claramente de direita para a sucessão presidencial desde 2002. Mas apenas esse ódio não explica o conjunto das relações sociais mais amplas que dão sustentação às formas reais do capitalismo brasileiro. As políticas econômicas e as formas de reação à crise

econômica internacional são fundamentais para entender esse processo. De qualquer forma, o Instituto é um espaço amplo repleto de ex-diretores da grande mídia e outros intelectuais que produzem textos capazes de intervir na realidade formando opinião e posição política.

Não sabemos a relação direta, mas junto com isso, ampliaram-se os espaços midiáticos de polêmicas. Na medida em que o acesso à internet cresceu, também se disseminaram os seguidores de Paulo Francis, o grande intelectual da polêmica do jornalismo brasileiro. Por de trás da polêmica, a partir dos anos 1990, tratava-se de um intelectual fortemente engajado nas campanhas neoliberais, na privatização da Vale do Rio Doce, da Petrobrás e tantas outras. Sua fala não era apenas um registro de posição, mas uma ação educativa no campo do convencimento e da defesa da ação repressiva do Estado (BATISTA, 2015).

O site *Mídia Sem Máscara*, de Olavo de Carvalho; os blogs de Rodrigo Constantino e de Reinaldo Azevedo; e inúmeros outros sites são parte desse processo. As *redes sociais*, com destaque para Facebook e WhatsApp servem para ampliar ainda mais o acesso a materiais de formação. A baixa qualidade dos materiais e a superficialidade estão diretamente relacionados a uma linguagem específica que busca atingir um público indisposto para análise e reflexão. Um público que reproduz visões a partir de alguns paradigmas básicos, nos parecendo que há uma centralidade no anticomunismo e no individualismo. Entre eles estão: Movimento Brasil Livre (MBL), Endireita Brasil, Vem pra Rua, Acorda Brasil, Revoltados Online, entre outros. São grupos que em diferentes medidas propõem sair das discussões teóricas e *ir pra rua*, roubando da esquerda seu mote e sua prática, a ação de convencimento nas ruas.

Observe-se que *Mídia Sem Máscara*, o site de Carvalho traz um título que em si mesmo já é uma ludibriação, na medida em que traz a falsa ideia de denúncia da mídia, que seria toda ela esquerdista. Os simpatizantes desse grupo atuam como verdadeiros militantes: “O protagonismo da militância é uma das estratégias centrais no processo de formação de um membro ativo, ligado ideologicamente às proposições do MSM” (PATCHINKI, 2012, p. 353). Eles promovem um “[...] ataque ao campo político burguês constituído [...]”, o que “[...] extrapola em muito a mera caracterização como ‘liberais’ e mesmo de um mero caráter ‘conservador’, explicitando a defesa de um Estado de cunho fascista” (PATCHINKI, 2012, p. 354).

Esses aglomerados difusores de ideologia são apenas a ponta de um iceberg muito maior do ponto de vista das organizações de classe. Podemos visualizar isso na Tese de Flavio Casimiro, que estudou detidamente os aparelhos de dominação burguesa (CASIMIRO, 2016). Eles são diversificados, e propiciam diversos espaços de ação intelectual e políticas para a dominação. Trata-se de produção no âmbito ideológico mas sobretudo no campo organizacional, explicitando formas de organização do capital, tanto nacional como internacionalmente. Nesse sentido aparecem órgãos como o Instituto Liberal, o Instituto Atlântico, e muitos outros. Chama atenção o Estudantes pela Liberdade, que permite que se visualizem vínculos entre esses jovens intelectuais que aparecem a partir de 2010, e agências internacionais de financiamento para esses sujeitos. Sejam eles blogueiros, gamers, estudantes universitários, eles formam um conjunto de intelectuais que buscam ampliar o discurso dos institutos mais organizativos como aquele que dá conta do Desenvolvimento Industrial (IEDI), ou da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e outros

órgãos de classe como o Instituto Fernando Henrique Cardoso. Eles têm uma ação articulada em torno de seus interesses. Foram aparelhos privados de hegemonia que se destacam pela “[...] complementariedade fundamental entre sociedade civil e Estado para a estruturação e atualização da dominação da classe burguesa no Brasil [...]”, tanto de forma “[...] propositiva como organizativa” (CASIMIRO, 2016, p. 403).

Além disso, há uma vertente de estudos que vem há algum tempo aprofundando o tema de pesquisa do avanço das ideias de extrema direita no Brasil. É o caso, por exemplo, do trabalho do historiador Jefferson Barbosa (2015), que discute os “neo” integralistas. O autor rediscute a propriedade do termo “extrema-direita” para explicitar esses fenômenos. Ou seja, a “onda conservadora” tem sido pesquisada sob distintas perspectivas, tentando abarcar a amplitude do problema nos campos econômicos, políticos e sociais. Além de organizarem, as forças conservadoras passaram também a ocupar as ruas, como indicou o historiador Demian Melo: “[...] há meio século que a direita brasileira não sabia o que era fazer mobilização de massas. Todavia, desde 15 de março de 2015, isso claramente mudou” (MELO, 2016, p. 67). Passaram assim de uma estratégia desmobilizadora para ações de combate direto, nas ruas, tendo que para isso mostrar suas caras.

Destarte a existência de uma direita *mais corajosa*, no sentido de que vai para a rua, seria de questionar dois elementos. O primeiro diz respeito à insistência que os autores de direita tem em se auto-intitular *nova direita*. Essa *falta de vergonha* só ganha eco na medida em que ganha uma base que lhe dá sustentação. Não é possível permanecer impassível diante dos milhares de pessoas que *foram pra rua* na Avenida Paulista em nome de uma pauta de direita. É preciso verificar, entretanto, se esse apoio será longo e dará sustentação para a continuidade de algum movimento.

Dentre esses intelectuais, se destaca a figura de Rodrigo Constantino. Em uma coluna ele expressa seu contentamento com o que chama “avanço da direita”, e faz isso comentando uma resenha sobre uma pesquisa acadêmica. Todo o texto é uma citação de uma resenha, e apenas no final, lemos o seu comentário:

Opa! Eu não ataco ‘grupos minoritários’, e sim movimentos que *falam em nome das minorias*, mas agem com uma agenda totalitária e estatizante. No mais, não tenho programa na Jovem Pan, e sim Reinaldo Azevedo. Mas, em geral, os autores capturaram bem os motores por detrás da ascensão da ‘nova direita’. E podem se preparar, gente: pois isso é só o começo... (CONSTANTINO, 2016, não paginado).

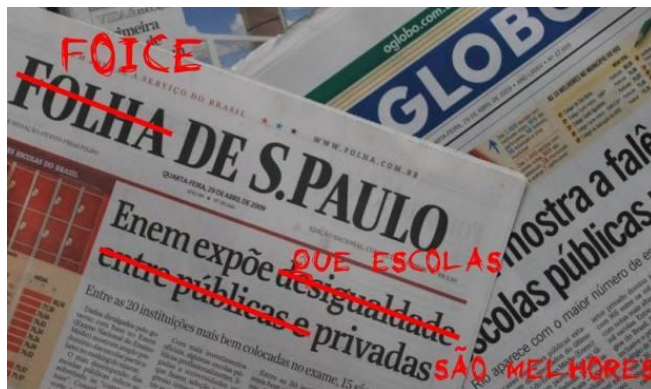
Assim, o recado principal está dado, em forma de ameaça, o autor indica que a direita “avança”². Esse texto recebeu comentários de outros articulistas de direita, como se houvesse existido um debate entre eles, e reiterando posições sobre o avanço da direita. Com isso quero chamar atenção para como eles se retroalimentam, e como criam um aparente *debate* intelectual. Partindo de uma pesquisa acadêmica, destroem o entrevistado, acusam-no de *petista*, acusam igualmente o jornal de ser *de esquerda*, e constroem mais textos que reproduzem sempre mais do mesmo de suas falas. Nesse caso, remetem a um site que se

² Constantino tinha seu blog vinculado à revista Veja. Foi demitido após ter disseminado muita polêmica através daquele espaço. Agora seu blog se define como: “[...] um blog de um liberal sem medo de polêmica ou da patrulha da esquerda ‘politicamente correta’” (BLOG RODRIGO CONSTANTINO, c2015, Capa do Blog).

chama *Jornalivre*. *O jornalismo em prol da liberdade*. As matérias são de ataque a tudo que para eles é esquerda, como quando por exemplo, dizem que Delfim Neto seria comunista, quando elogiado pelo político “Bolsonaro quer comunista assumido e colunista da Carta Capital como seu conselheiro” (BOLSONARO..., 2017). Outras são de defesa a determinados políticos, sobretudo João Doria Jr, prefeito de São Paulo, cidade que vem passando por cruciais reformas neoliberais, batizadas de *choque de gestão*. Os autores do site se retroalimentam e fazem render muito qualquer fato em termos de reprodução das mesmas ideias e discursos ideológicos. Esses textos por sua vez são retransmitidos em redes sociais diversas, desde o Facebook, o Twitter, o WhatsApp, e assim por diante. Mas o que é retransmitido não é a tese ou pesquisa original que deu origem à polêmica, e sim esses textos desqualificadores considerados pelos seus autores (que usam uma linguagem de jogos de videogames) como *desintegradores* dos seus adversários, usado uma linguagem própria do mundo dos *videogames*.

Por outro lado, os apoiadores de Bolsonaro também reproduzem uma linguagem de *vloggers*³ e *youtubers*, na produção de *mitos*, como gostam de referir-se a coisas positivas. Esta é uma linguagem ainda pouco estudada e que atinge o público infanto-juvenil e jovem.

Em determinadas situações, até mesmo a mídia tradicionalmente conservadora (jornais e revistas, sobretudo) e seus instrumentos de divulgação é jogada ao relento para esses intelectuais de direita. Quando lhes convém, esses novos instrumentos midiáticos classificam como *esquerdistas*, apostando tudo em que a internet vai lhes dar a sustentação para divulgação de suas ideias. O site *Caneta Desesquerdizadora*, por exemplo, coloca como foto de entrada de sua página no Facebook uma fotografia do logo da Folha de São Paulo da seguinte forma:



Fonte: Caneta Desesquerdizadora (2017).

A Folha de São Paulo é transformada em *foice de São Paulo*, alusão ao antigo símbolo do comunismo, a foice. A manchete diz que *Enem expõe desigualdade entre públicas e privadas*. Após ser *desesquerdizado* o texto é reescrito: “Enem expõe que escolas privadas são melhores” (CANETA DESESQUERDIZADORA, 2017, não paginado). Ou seja, reafirmam uma suposta realidade, as escolas privadas seriam melhores. O preceito de que o público necessariamente é ruim e que tudo que vem do Estado deve ser refutado, mesmo que se trate de educação pública de qualidade, essa é a capa pela qual o site quer ser identificado.

³ Uma espécie de blog em que as postagens são feitas em forma de vídeos (pelo *youtube* ou outra plataforma). Muito acessado por jovens.

As postagens se posicionam sobre assuntos diversos, sempre dando uma indicação aos seus leitores sobre o que pensar. É o caso da manchete *MEC acaba com o Ciências sem fronteiras*, que riscado se transforma em *MEC acaba com o Turismo sem fronteiras*. Os comentários dizem que o programa é feito para *comunistinhas* irem estudar no exterior em países *comunistas*, reproduzindo uma lógica de guerra fria que não tem qualquer sustentação na realidade, já que boa parte dos estudantes destes programas vão para países como EUA ou Canadá.

4 A opinião pública e a direita

Não é à toa que esses movimentos de direita se colocam como *novos*. Não querem, em linhas gerais, ser identificados com elementos negativados como a Ditadura. Entretanto, não tem qualquer problema em divulgar cartazes de manifestantes que pedem e insistem com a volta de uma ditadura por meio de uma *intervenção militar constitucional* ou outras coisas do gênero. Senhoras portando cartazes perguntando *por que não mataram todos em 1964?*, aparecem nos meios de divulgação dessa nova direita que reproduz exatamente o discurso do ódio. Mas há um segundo elemento a ser mais explorado, que é a efetividade desse apoio, a necessidade imperativa de compreender de forma séria a emergência dessa nova base de apoio à direita. Nesse sentido, a pesquisa publicada pela Fundação Perseu Abramo pode ajudar a colocar algumas questões.

A primeira pesquisa se refere às manifestações de 2015 e 2016. Busca perceber as distinções entre os manifestantes do dia 13/3/2015 e do dia 15/3/2015. Os primeiros seriam os defensores de Dilma Rousseff e sua manutenção no poder; os segundos seriam os defensores de seu impeachment. Não é objetivo aqui discutir as diferenças entre os dois grupos, nem estabelecer a relação entre essas manifestações e o apoio ao que viria se constituir um Golpe de Estado através do impeachment da presidente⁴. O que interessa é apontar para o efeito devastador das redes sociais e conseqüentemente da internet para a formação de opiniões e comportamento dos manifestantes. No caso dos apoiadores do *impeachment*, que diziam estar lutando “contra a corrupção”, 75% deles informaram à pesquisa que ficaram sabendo e foram convidados para o evento através das “redes sociais”, contra apenas 23% do outro campo (PERSEU ABRAMO, 2016).

Já a pesquisa *Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo*, traz elementos sobre a infiltração de ideias liberais e de direitas na periferia paulistana. Importante ressaltar que este já é um espaço que historicamente vem apoiando candidatos de direita. Portanto, essas conclusões não servem em princípio para generalizar sobre moradores de periferias no Brasil. As hipóteses com as quais os autores da pesquisa trabalharam foram:

Durante as gestões Lula e Dilma, a ampliação dos mercados de trabalho e consumo, combinada à distribuição de renda e à mobilidade social, criaram novas dinâmicas socioeconômicas na periferia de São Paulo.

No momento de expansão e avanço do ciclo econômico novos valores em relação aos costumes e a política foram gestados entre as camadas populares, que passaram a se identificar mais com a ideologia liberal que sobrevaloriza o mercado.

⁴ Ver sobre a criação de um consenso sobre o impeachment: SILVA, Carla, 2017.

No momento de descenso e retração do ciclo econômico essa camada da população passou a reagir informada por horizontes menos associativistas e comunitaristas e mais por diretrizes marcadas pelo individualismo e pela lógica da competição, com uma tônica acentuada do mérito nos discursos.

Neste cenário, as Igrejas neopetencostais parecem ganhar espaço (PERSEU ABRAMO PESQUISAS, 2017, não paginado).

Ou seja, resumindo, ao nosso ver, ao invés de ter ocorrido uma expansão das formas associativas da classe trabalhadora, o que vimos foi o encolhimento dessas formas. A formação política, que era um campo importante da atuação dos partidos de esquerda nos anos 1980 e 1990 deu lugar a novas formas de sociabilidade. O mercado e o consumo passaram a ocupar lugar especial nas vidas desses moradores de periferias. Assim, eles foram procurados por uma ideologia que esteja de acordo com as novas necessidades criadas pela fase atual do capitalismo. Segundo a análise da pesquisa:

A formulação e debate sobre a política se dão de forma superficial e ainda de acordo com a agenda definida pela mídia hegemônica. 1 Os entrevistados têm, no geral, rotina agitada e sufocante e, portanto, a formulação acerca da política não é a prioridade no cotidiano. Assuntos debatidos com mais frequência são aqueles que estão na pauta da grande mídia, que continua sendo uma das principais fontes de informação da maioria, como casos de escândalo de corrupção, Operação Lava Jato ou debates sobre as recentes eleições municipais. Quando questionados sobre assuntos mais complexos ou definição de conceitos políticos, tinha-se a impressão, para a maioria, de que era a primeira vez que construía uma argumentação sobre aqueles temas (PERSEU ABRAMO PESQUISAS, 2017, não paginado).

Instigante pensar nesse problema, sobre o quanto a mídia é que acaba criando condições para a formação de posição política da classe trabalhadora. É importante lembrar que a mídia é composta por uma infinidade de recursos de comunicação: a imprensa, a televisão, a internet são apenas os mais lembrados. E são também os mais importantes no âmbito da disseminação de formas de pensamento na atualidade que vivemos. Competem com os grandes centros difusores que são as igrejas e as escolas. As mídias têm também se somado à ação das igrejas, o que multiplica ainda mais seu alcance. É necessário enfatizar a vinculação entre as mídias, seus proprietários e gerentes, e a reprodução de distintas formas de poderes, sejam formais ou não.

A conclusão a que se chega é que é necessário seguirmos o estudo das mídias e as formas com que tem atuado na disseminação do pensamento e práticas conservadoras. A hegemonia capitalista produz consensos, mas esse consenso está sempre relacionado à disseminação de formas de coerção e de violência. Mas o pensamento conservador não nasce na mídia isolada dos demais aparelhos privados de hegemonia capilarizados na sociedade. Nasce de condições sociais concretas, e as clivagens impostas pelo capitalismo são centrais nessa formação social.

Referências

ANONBRNEWS [online]. **Instituto Millenium a serviço do golpe**. [S.l.], 12 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.anonymousbrasil.com/politica/instituto-millenium-a-servico-do-golpe/#sthash.ZdHAI7.dpuf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Chauvinismo e extrema-direita**: crítica aos herdeiros do Sigma. Marília: UNESP, 2015.

BATISTA, Alexandre Blankl. **Do trotskismo ao ultraliberalismo**: a trajetória de Paulo Francis na imprensa brasileira. 2015. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-Graduação em *História* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. SP, Brasiliense, 1994.

BLOG RODRIGO CONSTANTINO. [S. l], c2015. Disponível em:
<<http://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

BOLSONARO quer comunista assumido e colunista da Carta Capital como seu “conselheiro”. **Jornalivre** [online], o jornalismo em prol da liberdade, 3 abr. 2017. Nota, não paginado. Disponível em: <<https://jornalivre.com/2017/04/03/bolsonaro-quer-comunista-assumido-e-colunista-da-carta-capital-como-seu-conselheiro/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

CALIL, Gilberto. **O integralismo no pós-guerra**: a formação do PRP, 1945-1950. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CASIMIRO, Flavio Henrique. **A nova direita no Brasil**: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa. 2016. Tese (Doutorado em História Social)-Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

CONSTANTINO, Rodrigo. A nova direita avança... e é só o começo. **Gazeta do povo** [online], 10 maio 2016. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.com/artigos/nova-direita-avanca-e-e-so-o-comeco/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

DIAS, Edmundo Fernandes (Org.). **O outro Gramsci**. São Paulo: Xamã, 1996.

DREIFUSS, René. **1964**: a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1981.

FELLETT, João. Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias. **BBC Brasil** a Petersburg (EUA), Brasil, 15 dez. 2016. Disponível em:
<<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FUCS, José. A ‘máquina’ barulhenta da direita na internet: após ‘sair do armário’, a direita conquista trincheiras importantes nas redes sociais. **Estadão** [online], São Paulo, 26 mar. 2017. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,a-maquina-barulhenta-da-direita-na-internet,70001714254>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

GUROVITZ, Helio. O valor do pensamento conservador. **Instituto Millenium** [online], Centro de pensamento, [S.l.], 17 maio 2016. Disponível em:
<<http://www.institutomillenium.org.br/artigos/o-valor-do-pensamento-conservador/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

CANETA DESEQUERDIZADORA. Perfil Facebook. [S.l.], 2010. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CanetaDesesquerdizadora/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

KIM Kataguirí desintegra professor de extrema-esquerda que criou fantasias sobre a direita na Folha. **Jornalivre** [online], o jornalismo em prol da liberdade, 3 jan. 2017. Disponível em: <https://jornalivre.com/2017/01/03/_trashed-301/>. Acesso em: 6 jun. 2017.

MELO, Demian. A direita ganha as ruas: elementos para um estudo ideológico das direitas brasileiras. In: DEMIER, Felipe; HOVELER. (Orgs.). **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

MENDONÇA, Sonia Regina. **O patronato rural no Brasil recente: 1964-1993**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

MORAES, Marcelo. Bolsonaro: “Serei o candidato da direita à Presidência em 2018”. **Estadão** [online], São Paulo, 30 dez. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/marcelo-moraes/2014/10/30/bolsonaro-serei-o-candidato-da-direita-a-presidencia-em-2018/>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

PATCHINKI, Lucas. **Os litores de nossa burguesia: mídia sem máscara em atuação partidária 2002-2011**. 2012. Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-Graduação em História UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2012.

PERSEU ABRAMO PESQUISAS. 2016. Projeto Manifestações março/2015. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/fpa-pesquisa-manifestacoes.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

PERSEU ABRAMO PESQUISAS. 2017. Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Pesquisa-Periferia-FPA-040420172.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SILVA, Carla. **Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

SILVA, Carla. O suicídio da presidente: a arte da mentira e consenso. **Antíteses**, Londrina, v. 10, n. 19, p.332-350, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/27857>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

Carla Luciana Souza da SILVA

Licenciatura e Bacharelado em História (UFRGS). Mestrado em História (PUC-RS, 1998). Doutorado em História (UFF, 2005). Pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa (2011/2012). Coordena o projeto Ditadura no Oeste do Paraná (financiado pelo CNPq).
